

NOVOS ITINERÁRIOS DA MODERNIDADE NO RECIFE: O AMERICANISMO COMO PARADIGMA

Marcos Alexandre de M. S. Arraes*

RESUMO: Este artigo intenta analisar a presença do americanismo na modernidade recifense, procurando pontuar os diálogos da tradição com o ideal de progresso americanista. O objetivo central é apresentar o *american way of life* como um veículo da modernidade no Recife a partir da década de 1940 na cidade.

Palavras-chave: Americanismo, Modernidade, Tradição

ABSTRACT This article attempts to analyze the presence of Americanism in Recife's modernity, seeking to punctuate the dialogue between tradition and the americanist ideal of progress. The central objective is to present the American way of life as a vehicle of modernity in Recife in the 1940's.

Keywords: Americanism, Modernity, Tradition

A cidade não é apenas um espaço, um estado físico, uma delimitação geográfica que muda apenas sob a ação de longos processos de erosão natural e se faz imune a transformações de outra ordem do sensível. A cidade é, além disso, a moradia dos homens, um espaço dotado de significação, de discursos, práticas, subjetividades, sensibilidades, cultura.¹

As mudanças por que passa uma cidade são muito mais sensíveis em sua ordem cultural do que em sua ordem natural. São também muito mais rápidas, às vezes, efêmeras. Uma cidade nunca é a mesma quando seus habitantes não são mais os mesmos. Ela também possui sua história, uma relação com o tempo.

Algumas coisas, entretanto, parecem fincar raízes em certas cidades. Determinadas características insistem em acompanhar a sua história, sofrendo, da

* Doutorando em História pela Universidade Federal de Santa Catarina.

mesma forma que sua portadora, de novos significados. Essas características não são “prisões de longa duração”, mas práticas que sofrem rearranjos para adequar-se às circunstâncias históricas e culturais em que estão inseridas. É isso que as define e as diferencia das outras, tal como as tantas *idades invisíveis* descritas por Marco Polo a Kublai Kan.²

Da mesma forma, são também essas características que dão sentido e visibilidade à modernidade. Esse conjunto de enunciados que chamamos modernidade não acontece repentinamente. Ele se faz entre embates, resistências, persistências de vários outros enunciados para que possam formar uma determinada configuração discursiva com determinados efeitos de verdade e que irão formar subjetividades.

Assim podemos ver o caso do Recife. Cidade que possui em sua memória um passado patriarcal, escravocrata, conservador, tradicional. Assim se fizeram muitos dos discursos sobre o Recife ao longo de sua história. Contudo, esse conservadorismo discursivo não significou a ausência de mudanças e renovações. As pessoas ali não se constituíram sempre sob as mesmas formas, não mantiveram sempre os mesmos costumes.

Muito já se discutiu a respeito do caráter da modernidade recifense nas primeiras três décadas do século XX e como ela aparecia nos discursos dos intelectuais. Já ali, denotava-se um bom indício da mudança no comportamento das pessoas no Recife. Nos anos 20, a maioria da população ainda mantinha seus hábitos cotidianos em grande parte inspirada nos modelos europeus, especialmente o francês, que, incorporado pelas elites no período da *belle époque*, aos poucos foi tomando espaço em outras áreas da sociedade. O francês era língua obrigatória nas mais importantes escolas ginasiais e, em uma cidade onde, segundo Gilberto Freyre, “quase sempre é verão”, o traje de gala era exigido até mesmo em seções de cinema. Nas festas, a valsa era a música mais tocada e dançada e entre as bebidas, o vinho e o *champagne* eram os preferidos. Para encontros sociais, o melhor lugar era a confeitaria e, para os mais íntimos, o chá da tarde (*o five o'clock*) um convite irrecusável. Contudo, paralelamente a essas permanências, novas aspirações se formavam e o eixo ordenador dos hábitos e costumes deslocava-se da Europa para a América do Norte. Some-se a isto o fato de que nesse momento, o cinema estadunidense entra com toda força no país e as maiores salas de projeção das grandes capitais começam a preferir filmes dessa origem aos filmes do “Velho Mundo”. Cidades

como São Paulo e Rio de Janeiro atendem rapidamente a essas novidades e aos novos hábitos delas decorrentes. Também no Recife a rotina do entretenimento começa a ser alterada com o sucesso estrondoso dos filmes de Hollywood, como, por exemplo, *Ousadia* e a comédia *Olhos Perigosos*, ambos da já consagrada *Fox Film*. Com isso, mudam também alguns hábitos cotidianos. Os momentos de sociabilidade proporcionados pelo teatro e suas longas horas, com intervalos para fumar e fazer lanches, além dos encontros em cafeterias após as encenações, passam a ser comprometidos com o tempo mais curto dos filmes, de acordo com o novo ritmo de vida da população das grandes urbes.

Mudanças ainda muito pontuais e restritas às classes e personalidades mais abastadas, que adquiriram o costume de viajar à América do Norte – destino que, nesse momento, começa a suplantiar a Europa devido à maior oferta de rotas e ao menor tempo de viagem – mas que apontam para o caráter dinâmico das cidades e seus cidadãos. O sentido daquele espaço já não era o mesmo para aqueles que consumiam essas novidades. Para os outros habitantes da cidade, as coisas se processam mais lentamente a partir dos novos espaços, itinerários, que são construídos; novos ambientes de moradia, trabalho, sociabilidade. A modernidade é cruel e democrática.

Dando um salto no tempo e analisando o cotidiano recifense às portas dos anos 1950, nota-se uma sensível mudança em diversos aspectos da *cidade* e da *subjetividade*, dando a impressão, para alguns, de ser outro lugar. Se, na década de 20, o Recife, apesar das transformações, ainda era um espaço urbano em muitos aspectos provincianos além de graves problemas sociais, ao mesmo tempo já era reconhecida como a terceira capital do país em aspectos políticos, culturais e sócio-econômicos, como se orgulha certo jornalista: “tudo é vertiginoso, a vida caminha como um sonho, fazendo-nos pensar no que será o Recife de amanhã, que já hoje é a terceira cidade do Brasil”³. Novas e largas avenidas davam espaço à praticidade e velocidade da vida moderna e vários centros de consumo substituíam os antigos locais de residência, estando ali à disposição dos cidadãos, mesmo daqueles com menor poder aquisitivo.

Havia no Recife um novo paradigma de modernidade, mais voraz, mais veloz. No entanto, não foi num “passe de mágica”, como num acordar de um estado hipnótico, que a cidade se transformou aos moldes da modernidade estadunidense: valorização do consumo, da técnica e da cientificidade, enaltecimento de valores como a liberdade e a

democracia, novo conhecimento do que seria o progresso, mais ligado à posse de bens e distinção social, na escala individual, e ao crescimento econômico, na escala social, além do aparecimento de valores morais específicos, relacionados à religião puritana.

Na década de 30, lentas mudanças começavam a ocorrer com algumas alterações no espaço urbano e no cotidiano dos recifenses. Os jornais, em dissonância com o que podia ser notado poucas décadas antes, passam a anunciar com certo regozijo o plano do interventor federal Agamenon Magalhães, que inicia um processo lento de modificação na paisagem “moribunda” da cidade anunciando estar levando o sentido do Estado Novo para a capital pernambucana. É então lançada a Liga Social contra os mocambos, que procura varrer da cidade as instalações insalubres.

Em pouco tempo, a medida ganhou a simpatia dos jornais, que ressaltavam a medida como um fator que estava fazendo crescer a cidade.

A cidade havia crescido e atraído muitos migrantes do interior do estado e de outras localidades do Nordeste, que buscavam ali melhores condições de vida. Desiludidos e sem lugar para morar, estabeleciam-se nos subúrbios da cidade em casas construídas com o que tinham em mãos, resultando em condições subumanas de moradia. Essas habitações alteraram a paisagem da cidade, fazendo com que muitos recifenses clamassem por providências para *restaurar* a imagem da cidade de sua infância. E esse parece ser o conceito chave dessa década, que, mesmo mais aberta a determinadas mudanças, ainda via com desconfiança as influências vindas de fora.⁴

Ao aproximar da década de 50, o ar de restauração passa a dar lugar ao de *renovação*. Articulistas que antes desejavam a preservação de igrejas e monumentos tradicionais da cidade passavam a defender o rearranjo de partes históricas da cidade para dar passagem ao progresso. É o caso, por exemplo, de Aníbal Fernandes, que, freqüentemente, defendia as tradições da cidade em seus artigos.

Amanhã é dia da Procissão dos Passos, a maior e a mais tradicional procissão do Recife. Devemos fazer o possível para que as procissões da cidade de façam sempre com a maior pompa e esplendor. Isso confere a cidade muita cor local e lhe imprime um grane caráter.

Deixemos que no Rio de Janeiro não se façam mais procissões. Isso é com o Rio e não é conosco. O que me penaliza, sempre que vejo passar aqui, da janela do DIÁRIO, é que a imagem não saia mais, como outrora, da igreja do Corpo Santo, que os engenheiros

portuários meteram a baixo, por incompreensão pura e simples. Esse foi um dos maiores atentados contra o patrimônio histórico e artístico do Brasil; e a culpa real sobre os homens que em 1913 exerciam qualquer função pública, em Pernambuco, ou tinham uma pena na mão ou podiam exercer qualquer influência direta ou indireta em tais assuntos.

Aliás, esse começo do século foi fatídico para as nossas igrejas. Quase pelo mesmo tempo se fazia coisa igual com a velha Sé de Olinda, sendo que, quanto a esta, com o agravante de não se poder invocar qualquer argumento ou explicação.⁵

Dois dias depois, no entanto, o mesmo jornalista parece ter outra opinião no que diz respeito aos avanços da modernidade.

A desapropriação de vários lotes de terrenos à Avenida Beira-Mar, pelo governo do Estado, para a construção de casas residenciais, destinadas aos oficiais da 2ª zona aérea, vem estimular a edificação na Boa Viagem.

Se o Ministério da Aeronáutica atacar com brevidade as obras, em menos de um ano teremos edificado uma boa área. Seria interessante que, desde já, se pensasse na execução da nova ponte, ligando o Pina à cidade, pois a atual não merece mais confiança e constitui mesmo um embaraço à circulação dos veículos, além de aumentar o trajeto.

Pode-se dizer que a atual ponte do Pina tem desanimado muita gente de morar em Boa Viagem, afastando por sua vez os capitalistas, que ali poderiam construir suas casas. Com a nova ponte, as novas casas do Ministério da Aeronáutica e as obras de saneamento, interessando a zona do litoral, a Boa Viagem ficará um dos melhores bairros do Recife.

Lucrará a população e lucrarão o Estado e a Prefeitura, pelas rendas que de futuro poderão auferir.

Oportuno também é que se cogite da construção da rede de esgotos, beneficiando a avenida e a rua dos Navegantes, pois não é possível que um bairro da (ilegível) de Boa Viagem ainda tenha de recorrer ao antagônico sistema das fossas.⁶

No primeiro artigo, o jornalista lamenta a derrubada da Igreja do Corpo Santo, que se deu para tornar possível a ampliação do cais do porto e a modernização do atual bairro do Recife: é necessário modernizar a cidade, diziam à época. No segundo artigo, o tom já é outro, e o autor passa a defender modificações na infra-estrutura da cidade para se imprimir mais velocidade e dinamismo ao ritmo de vida da cidade com a construção de novas vias de acesso a um bairro ainda em crescimento, o de Boa

Viagem. Com isso, abrir-se-iam as portas ao crescimento do bairro e da cidade. Alguns meses depois, o mesmo autor parece mais veemente na defesa da última posição.

Se o ritmo das construções urbanas continuar, no pé em que vão, poderemos assinalar o ano de 43 como particularmente propício para o Recife. Grandes construções estão projetadas para a rua do Imperador e tudo indica que a avenida Martins de Barros não apresente mais aquele aspecto de zona bombardeada.

No que de momento não atino muito é com o alinhamento da rua, que depois do Hotel Avenida apresenta uma reentrância. Velhos erros do passado estão sendo pagos a duramente pelas gerações presentes, sendo que em certas ruas o alinhamento nunca poderá ser posto em ordem.

A próxima construção do Palácio da Municipalidade será o primeiro passo para a remodelação da rua das Florentinas e remoção de todo um casario, incompatível com uma cidade da importância da nossa.

Nota destoante no meio dos grandes edifícios do bairro de Sto. Antonio é a pequena igreja do Pátio do Paraíso. Não há razão nenhuma para conservar-se essa igreja, desde que a antiga capela foi irreverentemente destruída para em seu lugar construir-se esse arremedo de (ilegível) de pechisbeque. Nada melhor que essa igreja para atestar até que ponto chegou a decadência da arte de construir nos primeiros vinte anos deste século.⁷

Os dois primeiros artigos apesar de defenderem posições divergentes apresentam no fundo opiniões que são conciliáveis: o autor, nesse momento, demonstra bem o caráter da modernidade recifense, que mescla a tradição – percebida na crítica à destruição da igreja secular – com os avanços das intervenções modernizadoras, que trariam o progresso ao Recife. Contudo, a coluna escrita pouco mais de um ano depois deixa transparecer uma preferência pelos novos tempos. O autor parece confuso, mas diante da situação, decide: ora, já que se começou, terminem o serviço. A igreja, para o autor, não fazia mais sentido sem a capela. E não é só isso: está ali presente a defesa da derrubada de casario histórico da cidade, uma vez que esta não mais se coadunava com a nova configuração moderna do bairro. Mas o que parece permanecer no juízo do jornalista é sua crítica veemente à “arte de construir” empreendida na cidade no início do século. Seria esta uma crítica ao paradigma de modernidade de então ou apenas uma forma de executá-la?

A lógica do avanço do progresso parecia se tornar moeda-corrente. Diversos aterros são feitos em vários mangues e alagadiços da cidade, para proporcionar um melhor fluxo de automóveis e pessoas. Já no setor de entretenimento, o número de cinemas havia aumentado espantosamente, passando a cidade a contar, além dos circuitos “oficiais”, com cerca de cinco grandes salas de projeção e com mais seis cineclubes espalhados pelos bairros centrais e periféricos.

E não mudavam apenas os espaços da cidade, mas também as pessoas, com seus comportamentos e formas de se relacionar. O comportamento feminino causa rebulição entre os homens:

(...) A mulher moderna empenha-se com calor em contrariar, por todos os modos, a natureza, tratando de embelezar-se “desde a ponta dos cabelos até a raiz das unhas dos pés”, como disse um jornalista castelhano.

*As unhas têm sido objeto de estudos minuciosos, e agora estão na moda unhas de todas as cores: verdes, lilás, **fraise**, ouro, prata, azul, etc., conforme a tonalidade requerida pelo vestido. Para mostrar as unhas dos pés, que igualmente receberam a pincelada reformadora, as mulheres viram-se “forçadas” a usar sandálias... Como é de bom tom andar sem meias, submeteram os pés às mãos de pedicuros destros, que acabam destruindo a obra de Deus, convertendo a mulher numa deusa cujas extremidades são o símbolo da tragédia: morte... sangue.*

As damas, de natureza tão medrosa, tornam-se corajosas ante toda sorte de martírio de que resulte seu embelezamento. (...) É com indizível prazer que se submetem ao suplício das ondulações permanentes.⁸

Segundo o autor, a natureza já havia se encarregado da beleza feminina e não se faz necessário contrariá-la. No tom com que escreve, fica patente a sua surpresa e também uma sutil indignação (“que acabam destruindo a obra de Deus...”) diante do afã do embelezamento das mulheres modernas.

Vê-se, assim, que a modernidade se apresentava ao Recife, mas que possuía os seus limites de aceitação, mesmo entre a *avant garde*. “Seu mundo estava mudado, mas isso não significava que teriam que aceitar as coisas assim, sem mais”.⁹ O conservadorismo masculino ainda permanecia, e, aliás, possuía também consonância com essa nova face da modernidade, uma vez que, também nos Estados Unidos esse era também um valor moral.

Em outros aspectos, no entanto, as mudanças se processavam com menos resistências. Nas escolas e no dia-a-dia, o francês perdia espaço para o inglês e era corrente o uso de palavras e expressões nessa língua:

O primado da língua inglesa no Recife, sobre os demais idiomas estrangeiros, é hoje um fato incontestável. O garoto da rua vai se desembrulhando para tratar com o marinheiro; o chauffeur de praça sabe ao menos dizer o quanto custa a corrida do carro; o garçom do café e do restaurante consegue comunicar-se com o cliente e dizer-lhe os pratos do dia.

(...) Às vezes, num ônibus de Boa Viagem, ouve-se falar tanto o inglês que se quisermos transmitir a alguém um segredo teremos de dizê-lo em português.

Esse é um dos aspectos curiosos do Recife em guerra. Até nos colégios, os alunos se interessam muito mais pelo estudo da língua inglesa do que por qualquer outra língua estrangeira. As revistas que se vêem na rua são as que nos vêm de Nova Iorque. (...) ¹⁰

Passa a ser comum também a presença de um *American Bar*, nos quais o *Whisky* não podia faltar. Na música, o *Jazz* e o *Jitterbug* eram os ritmos correntes e, entre os clubes e locais de lazer, os *Clubs*, como o Caxangá Golf & Country Club, a preferência da maioria.

Diferentemente do cenário das primeiras décadas do século XX, quando Recife ainda possuía uma vida cultural em muitos aspectos semelhantes ao padrão de comportamento da França da *belle époque*, aos poucos, a cidade perde espaço a uma modernidade nos moldes do *american way of life*, com o elogio à praticidade e eficiência e ao consumo como determinantes básicos do homem moderno. Cabe ponderar, no entanto, que nem todos aceitaram essas mudanças. Os tradicionalistas ainda se faziam presentes. No entanto, o espaço para divulgação de suas idéias e para a continuidade de sua “batalha tradicionalista” não era mais o mesmo. Estavam relegados a um espaço subterrâneo.

Então, se perguntará: como entender essas rupturas de paradigma em um período de aproximadamente duas décadas, que proporcionou mudanças significativas no dia-dia das pessoas em uma cidade que recentemente havia assumido, através de grande parte de sua intelectualidade, um caráter de defesa de suas tradições e de rejeição a muito daquilo que vinha de fora?

A Primeira Guerra Mundial deflagrou um questionamento sobre o paradigma europeu, especialmente o francês, então em voga no Brasil, uma vez que a guerra demonstrou que o velho continente não conseguia resolver seus problemas internos por si só pacificamente. Entendeu-se, à época, que a interferência dos Estados Unidos foi primordial para que o fim do conflito pudesse ser acelerado, fazendo emergir um novo paradigma em termos militares. Além disso, o preconceito que boa parte dos franceses possuía e não escondia a respeito do Brasil e do seu povo não agradava à intelectualidade brasileira, que passou a rever a aceitação direta das coisas que vinham daquele país. A Europa passava a ser vista como o velho mundo, como demonstra o editorial da *Presente de Natal* de 1940: “como ontem, jogamos para muito longe a idéia de vos trazer informações do que se passa além-Atlântico, no Velho Mundo, velho e infeliz, com seus ‘eixos’ e ‘acordos’, com seus ‘caminhos’ para Gibraltar, para Suez, com sua política, suas ambições e suas intrigas”.¹¹ Todavia, as mudanças culturais ainda se processavam lentamente e, excluindo-se o mercado cinematográfico, em questões culturais o padrão continuava sendo o europeu. Ao Brasil não interessavam as produções modernistas dos Estados Unidos e vice-versa.

É nesse sentido que vejo os anos iniciais da década de 1940 como um *catalisador* para as mudanças que ocorriam no Brasil e, mais especificamente, na capital pernambucana.

Com o começo da guerra na Europa, o ar provinciano passou a dar lugar à ansiedade e à agitação dos grandes centros urbanos daquela época. Bens de consumo básico começavam a faltar nas prateleiras das mercearias e começavam a chegar substitutos enlatados de outros países. Nas revistas e jornais, diversos eram os apelos de empresas nacionais e multinacionais para que se economizasse combustível, borracha e energia elétrica.

É preciso lembrar que é nessa década que começa a atuação do *Office of the Coordinator of Inter-American Affairs*, sob chefia do magnata estadunidense Nelson Rockefeller Jr.. Esse órgão possuía acordos com o DIP para o planejamento e transmissão de programas de rádio que seriam transmitidos aos ouvintes brasileiros. Além das rádios, revistas e outros periódicos, o cinema e as empresas publicitárias nacionais e estrangeiras com filiais no Brasil também recebiam desse escritório não só apoio financeiro, mas também, e principalmente, instruções de como e o que comunicar aos “bons vizinhos”. É

importante salientar que Recife, além de outras cidades do país, contava com uma filial do *Office*, que era encarregado de estudar a cultura local para melhor adequar seus produtos além de realizar pesquisas e fazer balanços a respeito do sucesso dos trabalhos, comunicando quaisquer “perigos” e “desvios” da ordem desejada. Para isso, eram enviados técnicos e especialistas das mais diversas áreas aos locais que se desejava colher informações.

Gregg Toland é hospede do Recife. Aqui se encontra em missão de guerra com sua câmara mágica e sua mágica inteligência.
(...)

(...)

Mas, durante a entrevista que tivemos com Toland, ontem, nenhuma dessas considerações que gostaríamos de debater durante várias horas com ele puderam ser feitas. O público deseja informações concretas, fatos e não divagações sobre sutilezas artísticas. Tínhamos que seguir a linha de todas as entrevistas e indagar de Toland quais os seus projetos no Recife.

(...)

“Estou aqui para filmar aspectos da vida pernambucana, naquilo que mais de perto se relaciona com o esforço de guerra. Interessa-me tudo que, podendo ser fotografado, contribua para fixá-lo. Não vou me cifrar a aspectos bélicos, mas fatores econômicos, urbanos e mesmo históricos; a tudo que sirva para especificar o progresso brasileiro nesse momento de guerra. Não desprezarei o pitoresco, do pitoresco como fator de valorização social. Gostaria de agir com completa liberdade de ação, de ter carta branca para filmar a meu modo. Não o posso fazer, todavia. Obedece a ordens e tem, como tal, obrigações que independem de sua vontade. Esta série de documentários que estamos ultimando destina-se à apreciação do povo norte-americano. Os líderes políticos de minha terra conhecem as ilimitadas possibilidades do Brasil no campo industrial, sabem de sobra qual o seu potencial econômico e quais suas riquezas exploradas e inexploradas. Mas o povo nada sabe a esse respeito. Esses documentários irão divulgar essas riquezas e essas possibilidades entre os americanos do norte.

*Tenho muito desejo de visitar igrejas, monumentos e lugares históricos e se for possível, gostaria de assistir a um ‘terreiro’. Espero ter a satisfação de ser bem sucedido nessa tarefa, não faltando cooperação e boa vontade de todos.”*¹²

A matéria mostra fielmente como atuava o OCIAA na busca de informações específicas sobre os locais de sua atuação, dando as diretrizes aos seus enviados especiais para se buscar aquilo que desejavam (“obedece a ordens e tem, como tal,

obrigações que independem de sua vontade”). Fica claro também o desejo de divulgar imagens do Brasil nos Estados Unidos com vistas a evitar preconceitos e imagens distorcidas, reforçando, assim, os laços de aproximação.

Rockfeller esforçava-se para atuar também no setor econômico produtivo, especialmente nas regiões onde seu Escritório possuía “bases” de apoio. Além de demonstrar a simpatia e a amizade condizentes com a política da boa vizinhança, também poderia trazer benefícios imediatos ao esforço de guerra, dado que pode ser visto na reportagem abaixo, a qual relata as atividades do OCIAA em Pernambuco.

Chegou anteontem ao Recife, procedente do norte, o Sr. K. J. Kadow, técnico de produção e superintendente do Serviço de Alimentação da Comissão Brasileiro-Americana de Produção de Gêneros Alimentícios. O Sr. Kadow é professor da Universidade de Delaware e a sua viagem tem por fim verificar o que se tem feito no terreno de produção em todo o Brasil.

(...)

Todo o trabalho de intensificação da agricultura é realizado em cooperação pelo ministério da Agricultura Brasileiro e o Departamento de Coordenação Americano, dirigido pelo Sr. Nelson Rockfeller Junior.

(...)

O superintendente da Comissão Brasileiro-Americana mostrou-se otimista com as possibilidades que oferece o Brasil para o desenvolvimento da produção. Disse que Pernambuco e o Rio Grande do Norte são os Estados mais de perto visados pela Comissão, devido à presença das forças armadas norte-americanas, e por ser o porto do Recife o mais adequado para a exportação e importação de produtos diversos.¹³

Além da notória intenção de divulgar o nome da Comissão Brasileiro-Americana, percebe-se, ainda, um aspecto da atuação do *Office*, que se fazia através do envio de técnicos estadunidenses para pesquisar e orientar as atividades do Escritório e de seus aliados no Brasil. Contudo, o que mais merece atenção, e sobre o que discutirei logo abaixo, é o registro da presença estadunidense no Recife.

O destaque maior, no entanto, merece ser dado ao interesse especial da Comissão (e não só ela!) pelo Recife, por ter o porto “mais adequado para a exportação e **importação de produtos diversos**”. Força de expressão? Não acredito. Se em toda a reportagem fala-se dos produtos agrícolas veementemente, não seria aqui que se buscaria

um sinônimo, neste caso, nada equivalente, para a palavra utilizada. E torna-se ainda mais interessante se percebermos que este é uma tradução da fala do técnico estadunidense. Nesse ponto, duas possibilidades se abrem: 1) De fato o técnico falou “exportação e importação de produtos diversos”. Nesse caso, vê-se que, de fato, o OCIAA buscava algo mais além de uma boa vizinhança. 2) Trata-se de uma adaptação do editor da fala do professor. Aqui, então, percebe-se que o fato já era comum, sendo o porto do Recife um lugar preferencial para a chegada de produtos estadunidenses, ou, ainda, demonstra um desejo de que assim o fosse. Seja como for, em quaisquer dos casos, fica patente que o Recife era um dos principais focos de atuação do OCIAA e, destarte, vinha assimilando modificações em seu cotidiano com esse “intercâmbio”.

1. A Guerra e seus reflexos no Recife

Apesar de não viver diretamente os impactos da guerra que se travava no solo europeu, a cidade do Recife sofreu diversos efeitos do conflito em seu cotidiano, alguns deles passageiros, mas outros fincariam raízes, o que permite aquilatar o importante papel desempenhado por este evento na consolidação do novo paradigma que se formava.

Com a sinalização do Brasil de apoiar o esforço de guerra estadunidense em janeiro de 1942, após longas e delicadas negociações bilaterais,¹⁴ e as ocasiões de afundamentos de navios brasileiros, que determinaram a entrada do país na guerra ao lado dos Aliados em agosto daquele mesmo ano, uma “pequena guerra” se deflagrava no Recife. Os estrangeiros nascidos na Alemanha ou na Itália e ali radicados passaram a ser alvos de agressões, sendo identificados à figura do “quinta-coluna”, nome dado àquelas pessoas que agiam “nos bastidores e que vivia[m] supostamente a enviar mensagens codificadas, revelando nossos segredos e debilidades para agentes do Eixo Berlim-Roma”.¹⁵ Pessoas que não demonstrassem repúdio às atuações do Eixo na guerra passaram a ser malquistas no convívio social. Diversas casas de comércio e fábricas que possuíam alguma referência aos países do Eixo ou eram de propriedade de estrangeiros desses países sofreram saques e depredações nos períodos mais tensos do conflito.

A grande circulação de estrangeiros pela cidade nesse período também causaram efeitos na economia (e nos ânimos de muitos que se sentiam lesados): algumas lojas passaram a preferir o dólar à moeda nacional; alguns produtos passaram a ser vendidos

mais caros devido à intensa procura e alguns bens de consumo básico, já com dificuldades de distribuição devido à escassez de transportes e à maior demanda de importação pela ocasião da guerra, passaram a escassear nas prateleiras, chegando, em alguns casos, a instaurar racionamento de alguns bens. Alguns recifenses revoltavam-se com a situação e culpavam os estadunidenses por estarem “levando tudo o que é nosso”.

*A permanência das forças americanas, no Recife, está fazendo prosperar a indústria dos pequenos bars, dos restaurantes, dos hotéis, das pensões, de todo lugar onde haja meia dúzia de bancas de pinho ou outros tantos tamboretas e algo que se coma e beba. Percebe-se daí uma elevação talvez excessiva nos preços dos artigos, o que afeta o nativo. O “barman” e o hoteleiro raciocinam sempre em dólar e cobram preços na razão do valor do dólar. Mas o nativo, que ganha em cruzeiros, revolta-se com a perspectiva de pagar 2 cruzeiros por um “guaraná”, 20 cruzeiros por um frango assado, 4 cruzeiros por uma cerveja e 5 cruzeiros por um “sandwich”.*¹⁶

Enquanto o OCIAA e o comando do exército aliado esforçavam-se por desfazer essa imagem e procurar uma solução para tais problemas, ora com propagandas, ora com o envio de técnicos para estimular a produção local, os jornais da cidade atacavam os de ânimo mais exaltado, comparando-os com os quinta-coluna.

Os quinta-colunistas devem ter ficado com a cara de pau quando leram ontem a entrevista do almirante Ingram e na qual se fazia menção ao vulto das despesas que os americanos fazem no Recife. Isso vem atestar a falsidade da frase inventada pela propaganda nazista de que “os americanos estão levando tudo”.

Na verdade, além das elevadas somas aqui despendidas por eles, vale mencionar, a cooperação amistosa da marinha estadunidense, sem a qual estaríamos aqui sem bonde, sem luz e sem força. Foi bom que na entrevista com a imprensa o almirante Ingram tivesse se referido a essas coisas, pois são justamente esses os pontos em que a insidiosa propaganda inimiga toca frequentemente, para indispor os americanos com a população.

Se os americanos compram ovos, legumes, verduras e frutas no Recife, que devemos fazer? Criar mais galinhas e plantar mais legumes. Nem se diga que no Recife não se pode mais criar galinhas ou plantar verduras, porque na sua maioria os sítios da cidade são muito mal cultivados e são inúmeros os quintais onde nada de aproveita.

A guerra está nos indicando a todos a necessidade de uma revalidação intensiva dos terrenos baldios do Recife; e devemos ser

gratos aos nossos bons amigos “yankees” por nos terem estimulado, para uma maior atividade agrícola e pastoril.¹⁷

Outra matéria comenta novamente a declaração do Almirante Ingram a respeito dos gastos dos seus conterrâneos na cidade e aproximando os críticos da presença estrangeira com a espionagem inimiga.

Entre as declarações feitas pelo comandante da Região aos representantes da imprensa, queremos destacar as que se relacionam às boas relações existentes entre o Brasil e os Estados Unidos. O general falou por experiência própria, pois esteve na América do Norte, conviveu com seu povo e participou do convívio de oficiais superiores. E insistiu num ponto que é preciso estar diante de nós: o povo americano é amigo do Brasil. O quinta colonismo sempre foi contra os Estados Unidos, porque seu intento era nos por a reboque dos Estados totalitários. E ainda hoje não falta quem, à calada, murmure os conhecidos boatos derrotistas, como estes: “os americanos estão levando tudo”; “os americanos não largarão mais as bases”; “os americanos estão tornando a vida cara”.

Esses são os venenos destilados pela ação da espionagem nazista, com o fim de incompatibilizar os americanos com os brasileiros. Na verdade, nem os americanos estão levando tudo (o almirante Ingram mostrou que os americanos gastam no Recife milhares de contos por mês); nem querem as bases pra si; nem tornaram a vida cara.¹⁸

E assim o conflito seguiu durante todo o mês de maio, sendo comentado e criticado nas páginas dos jornais, até que surgissem novas polêmicas.

O racionamento chegou também no setor de transportes. Uma vez que a maioria do combustível fóssil consumido no Brasil advinha da importação e diante da queda de oferta do produto no mercado internacional, que estava direcionando sua produção para o palco do conflito europeu, foi decretado o racionamento de gasolina em todo o país.

Com essa medida, os automóveis particulares passariam a ter uma cota mensal de consumo do produto, contando, algumas categorias profissionais, com cotas diferenciadas, como era o caso dos automóveis pertencentes a médicos. O transporte urbano que diuturnamente apresentava problemas – havia muitas reclamações sobre poucas linhas e a lotação em horários críticos – passaram a ser mais problemáticos. Algumas soluções foram tentadas, como o incentivo ao uso dos ônibus.

No momento em que maiores são as dificuldades de transporte urbano – de uma lado por terem parado numerosos carros particulares, de outro, pela dificuldade de reparar o serviço da Tramways, devido à deficiência de material – maior deve ser o estímulo as empresas que se proponham a aumentar o número de ônibus que trafegam pela cidade.

A verdade é que a população aumentou muito nos últimos anos, devendo-se levar em conta também o acréscimo proveniente da concentração de tropas.

Às 18 horas, a volta do subúrbio, em qualquer das linhas, é algo desconcertante. Vi trafegar, anteontem, um bonde de Casa Amarela, por volta das 19 horas, e parece-me incrível como pudesse locomover-se, tal a quantidade de pingentes, de todos os lados.

A Tramways invoca a deficiência de materiais; e é inegável que com a guerra as dificuldades aumentaram. Precisamos pois apelar para os ônibus, que podem atenuar a situação.¹⁹

Essa situação acabou por trazer também compensações econômicas para o Estado, o que demonstra que os efeitos econômicos desse momento de guerra não seriam só negativos. Para tentar amenizar o problema interno do racionamento de combustível, o Conselho Nacional do Petróleo decidiu por aumentar a mistura do álcool à gasolina e assim aumentar a oferta do combustível no mercado. Sendo Pernambuco um estado produtor do álcool, sendo esse setor uma importante fonte de receita para o Estado no período em questão, a decisão tomada diante das dificuldades geradas pela guerra favoreceu o Estado economicamente.

Se esses efeitos foram temporários, desaparecendo com o desfecho da guerra e o retorno à paz, outros efeitos, deixaram raízes.

A instalação de quartéis e bases aéreas aliadas sob comando dos Estados Unidos em Recife, onde ficava aquartelado o comandante das operações aliadas para o Atlântico Sul – além de em outras cidades vizinhas, como em Natal e na Ilha de Fernando de Noronha – também seria um fato significativo, uma vez que a cidade passou a ter em seu círculo social a presença dos soldados estadunidenses. Estes, muitas vezes inseriam-se nos itinerários de sociabilidade local, misturando-se com os recifenses e com eles aprendendo a conviver no cotidiano da cidade e também deixando suas contribuições, modificando esses itinerários e o cotidiano. Existem diversos relatos da presença dos soldados na cidade, às vezes criticando um ou outro evento por considerar um mau comportamento, o dos estrangeiros – “nem uma palavra deverá pronunciar. Não adianta.

Será aumentar mais a sua culpa, convencer mais a Joana que ele é um velho debochado. Igual ao doutor Rossini, que enche a casa de americano e toma cada porre de fazer medo”²⁰ – mas, na maioria das vezes, elogiando sua educação, elegância e mentalidade progressista.

Três americanos estavam numa ponta da calçada, na rua da Imperatriz. Do outro lado da calçada, querendo atravessar a rua, uma velinha escorregou no asfalto. Pois, nem teve o tempo de cair, porque os americanos já tinham chegado junto dela antes que outros transeuntes, mais próximos, se houvessem animado a prestar-lhe auxílio. Uma boa lição para nós, que, às vezes, nos envergonhamos de ajudar um cego a atravessar uma rua...²¹

Com uma boa dose de exagero, como é descrito o fato acima, chega a ser risível a situação. Entretanto, o que se nota no artigo do renomado escritor e teatrólogo recifense, é que a imagem que se possuía dos estadunidenses na cidade era de uma extrema educação e bondade (“nem teve tempo de cair, porque os americanos já tinham chegado junto dela”), fato que deveria servir de exemplo aos cidadãos recifenses (“uma boa lição para nós”).

Uma organização civil voltada para a ambientação dos homens do exército estadunidenses em solo brasileiro, o *USO Town Club*, era responsável pela organização de festas para os soldados que desembarcavam em período de descanso na cidade, contribuindo, com isso, para a sociabilidade desses estrangeiros no convívio local e com a imagem de amizade que se queria divulgar entre as duas nações.

A longa reportagem abaixo dá bem a noção do que era essa organização e de suas atribuições.

A maioria da população do Recife tem lido, visto ou ouvido falar nas iniciais U.S.O. ligadas a aspectos recreativos da atmosfera norte-americana do Recife. Hoje mesmo, inaugura-se, à Avenida 10 de novembro, em edifício recém construído, mais um USO. As letras tornaram-se familiares aos recifenses que lhe substantivaram a significação: toda a gente fala do USO como fala da RAF sem atentar na significação de cada palavra isoladamente. Mas, uma interrogação predominava: que é finalmente o USO? Quais são suas finalidades? A que se destina?

Visando responder a essas perguntas é que procuramos, ontem, o diretor de serviços do novo Cassino que se inaugura, hoje,

oficialmente, na Avenida 10 de Novembro. Trata-se de mr. Orton S. Clark, um norte-americano nascido no Brasil e cujo português é tão correto quanto o de qualquer um de nós.

(...)

“Há na América seis organizações de caráter filantrópico, religioso ou de Beneficência. São elas: “The young men’s christian association, The young women’s christian associations, The National catholic community service, The jewish welfare board, The salvation Army e The national travelers aid Associations. Essas sociedades que são heterogêneas e autônomas fundiram-se em uma única organização: U. S. O., que significa Organização de Serviços Unidos (United Service Organizations) É uma organização de existência temporária, limitada à duração da guerra. Visa prestar ao soldado, marinheiro e fuzileiro norte-americano fora do país o “clima” pátrio – qualquer coisa que prolongue nele a idéia do lar, da pátria e da família. Chegamos a esse “desideratum” pela recreação: jogos, leituras, danças, etc, etc... Onde existir marinheiros, soldados e fuzileiros aí estará o U.S.O. integrado nas suas funções. Quando na América se cogitou a criação do U.S.O. do Brasil, naturalmente foram escolhidos para dirigi-lo aquele dos filiados mais ao par com a língua, os usos e costumes da terra. E aqui estamos nós com nosso material e nossa disposição de trabalho. O meu colega Hal Blum dirige o U.S.O. de Boa Viagem já em funcionamento há alguns meses. O Cassino que vamos inaugurar hoje é o segundo do Recife. O de Blum é o da praia, o meu, da cidade.

Agora quero tratar de um assunto um tanto ou quanto delicado, para o qual, espero a compreensão de todos os recifenses: a nossa organização foi criada exclusivamente para o soldado, marinheiro e fuzileiro raso norte-americano. Para o “private”. Nem mesmo os oficiais do exército, marinha, infantaria da marinha ou da aeronáutica têm acesso ao U.S.O. em circunstância nenhuma, em hipótese alguma. Como os senhores devem saber, o U.S.O. é uma organização puramente civil. Chamo em particular a atenção dos brasileiros para isso; nós não temos nenhuma ligação com o governo americano, que apenas nos dá sua sanção. O U.S.O. vive de donativos de particulares e até o último vintém gasto nele é proveniente de particulares. Quando empregamos o dinheiro do U.S.O. temos em vista que para a sua concretização contribuiu tanto o sr. Rockefeller como a mais humilde viúva do país. É um dinheiro esse que temos o máximo de interesse em empregar bem e com o máximo carinho e zelo, pois sai da comunidade americana, sem distinção de cor, raça, crença, nascimento, posição ou fortuna.

Frequentam-nos católicos protestantes, judeus e livre-pensadores – o U.S.O. tem caráter eclético em matéria religiosa. Todos esses fatores contribuem para tornar mais efetivas as relações entre seus membros e mais característico (sic) sua feição U.S.O.. Espero que, em virtude disso, o soldado brasileiro, em particular, e o povo, em geral, aceitem como naturais as restrições que fazemos quanto a entrada deles na nossa organização: essas restrições estendem-se aos próprios militares ingleses de qualquer categoria. Agimos presos a regulamentos. De bom gosto abríamos nossos

salões aos nossos irmãos deste lado do Atlântico. Todavia, isso não depende de nossa vontade.

*Os soldados e marinheiros brasileiros possuem no Recife um variado número de clubes que podem freqüentar, inclusive a Cantina do Combatente. Os oficiais americanos e ingleses também possuem seus clubes. Mas as restrições acima impostas não atingem as moças brasileiras. Essas possuem entrada franca no U.S.O.. Têm apenas uma formalidade a cumprir: encher um fichário com especificações de nomes, filiação, etc. Essa ficha é entregue a uma comissão de senhoras que opinarão sobre sua idoneidade. Nas nossas festas como nos dias comuns manteremos uma ordem absoluta. Nenhuma gota de álcool entra no U.S.O.. No nosso **snack-bar** temos refrescos de laranja, limonadas, coca-cola, sorvetes, maltados, guaranás, águas minerais e frios. Nem mesmo cerveja é permitida. Teremos shows regularmente, danças todas as semanas e classes da língua portuguesa. Um dos nossos fins é arrancar os “buck privates” das cervejarias. Temos de ganhar a guerra e conseqüentemente devemos manter o nosso pessoal em forma. Com a nossa supervisão não há perigo que nossos soldados, fuzileiros e marinheiros desviem-se da prática do bom caminho para a prática de atos condenáveis.”*

O U.S.O. BEACH CLUB DE BOA VIAGEM

*Essa reportagem não seria completa sem uma visita ao U.S.O. de Boa Viagem. Desde o dia 22 de abril último que um ramo do U.S.O. funciona na nossa praia: O **U.S.O. Beach Club.** (...)*

*O **U.S.O. Beach Club** de Boa Viagem oferece danças todas as quartas-feiras aos “privates” americanos, tendo essas danças uma freqüência de 50 pessoas, em média. Para essas danças toca a Banda da Marinha e são muito freqüentadas por moças brasileiras.²²*

A reportagem mostra que as festas organizadas para esses soldados eram exclusivas, sendo proibida a participação de brasileiros, exceção feita apenas às moças. E não eram quaisquer moças, precisavam dar provas da sua idoneidade segundo o julgamento de uma comissão de senhoras, possivelmente vindas dos EUA para auxiliar o seu exército em serviços diversos no país, ou, sendo brasileiras, muito provavelmente instruídas segundo os critérios subjetivos estadunidenses do que significava *idoneidade*. A exaltação do “lar, pátria e família” presentes na fala do diretor do *U.S.O.* durante a reportagem dá margem para se concluir que desejavam moças pertencentes às famílias reconhecidas socialmente e com boa educação. Tal fato, certamente, deveria deixar muitos pais, irmãos e maridos aflitos quando estas resolviam ir a tais festas, daí a necessidade de exaltar a ausência de “práticas condenáveis” e do consumo de álcool durante as comemorações nesses estabelecimentos.

A ênfase nessa questão, no entanto, também possuía outro fim: a rejeição à imagem de festeiros “beberrões” que alguns possuíam dos novos vizinhos estrangeiros. Era preciso reforçar a boa imagem de comportamento e moral que já se possuía dos estadunidenses na cidade para que o desejo do *americanismo* enquanto paradigma se fincasse efetivamente.

Por fim, o artigo demonstra que os *U.S.O.*, apesar da ênfase de se tratar de uma organização civil dependente de doações, contava com o apoio de Rockefeller, ou seja, do *OCIAA*. Mesmo não respondendo diretamente a este órgão, contando, ao que parece, apenas com doações do mesmo, o alcance e o respeito atingido pelas atividades de seu diretor possibilitavam-no de dar palpites nas atividades dos *U.S.O.*, colocando-os, portanto, mesmo que extra-oficialmente, no bojo da política cultural estadunidense no Brasil. A realização de festas não raramente abertas a soldados e outros cidadãos brasileiros em determinadas datas festivas demonstram esse fato, uma vez que a “segregação” dos brasileiros, tão enfatizada pelo diretor entrevistado (“em circunstância nenhuma, em hipótese alguma”), ia de encontro ao que buscava Rockefeller e sua política. A abertura das festas, portanto, possivelmente provinha das recomendações do Escritório.

*Nossos amigos americanos inauguraram, anteontem, o seu clube para o soldado, o marinheiro e o fuzileiro das forças armadas estadunidenses. Lá estavam, como convidados, além dos oficiais graduados americanos, oficiais da mesma patente do nosso exército e da nossa marinha. Como se tratava da inauguração, havia também o elemento civil e todos puderam observar o que é o espírito da camaradagem e da fraternidade de um povo.*²³

O U.S.O. Town Club realiza, hoje e amanhã, várias festividades natalescas, com a participação de marinheiros, soldados e fuzileiros navais norte-americanos e senhoritas brasileiras e americanas.

(...)

*No dia 25 às 20 horas (hora brasileira) darão ingresso no recinto do clube 100 crianças pobres brasileiras acompanhadas de um Papai Noel americano que subirá ao palco e fará um discurso aos meninos brasileiros em português. Um mágico (que é um oficial do exército brasileiro) fará então vários truques para a criançada. Em seguida, Papai Noel entregará a cada um dos meninos presentes uma meia com biscoitos, confeitos, chocolates, frutas e uma sandália. A seguir realiza-se um “show”. Realizado o “show”, as crianças tomarão caminhonetes que as conduzirão às suas residências.*²⁴

Na primeira reportagem, há a informação da abertura da festa de inauguração para a sociedade civil e soldados brasileiros, mesmo tendo o diretor, dias antes da inauguração sendo enfático na informação de que tal não ocorreria. Já na segunda, além da abertura aos cidadãos recifenses e a participação de um elemento do exército brasileiro, vemos também atos de filantropia, o que certamente, contribuía para melhorar a imagem dos estadunidenses que estavam na cidade, bem como, a dos Estados Unidos como um todo. Era isso o que desejava o *OCIAA*.

Com isso, a cidade começou a experimentar novos hábitos e costumes, novos padrões de comportamento, novos gostos musicais, novos itinerários de sociabilidade. O bombardeio discursivo promovendo o *american way of life* pelo qual passou o Recife abriu espaço para o surgimento de novas visões, desejos, sensibilidades nos sujeitos que davam sentido àquele espaço. Esses enunciados discursivos abriram caminho para um novo paradigma de modernidade e para possibilidades de subjetivação.

O período da guerra foi propício para o desenvolvimento de tais enunciados e para uma mudança de paradigma cultural. Embora, contraditoriamente, os Estados Unidos aproveitando o momento do conflito e mostrando-se capazes e dispostos a ajudar através de sua poderosa máquina de propaganda (produtora dos enunciados de produção discursiva), o que permitiu abrir espaço para uma penetração cultural pacífica no Brasil, em geral, e na capital pernambucana, em particular.

2. O Catalisador

Todas essas transformações que descrevi, ocorridas no momento da guerra, formaram um cenário propício para a atuação da estrutura discursiva enunciada pelo *OCIAA* e que iriam modificar definitivamente o cotidiano do espaço urbano recifense a partir da década de 1940, desenvolvendo um sentimento de perplexidade diante da nova conjuntura. A forma de comportamento e ação que aqueles sujeitos haviam estabelecido para si há algum tempo não mais fazia sentido nesse novo horizonte. Era preciso mudar antigos costumes e as feições da cidade e adequá-la às demandas do novo tempo.

Uma campanha pela instituição das “filas” nos guichets dos correios, telégrafos, cinemas, estações de estradas de ferro, pontos de bonds e ônibus é uma necessidade de ordem pública. O Recife não pode continuar a oferecer esse espetáculo de pura selvageria, que se vê a cada momento, sobretudo quando se vai tomar um ônibus ou um bonde.

(...)

Uma campanha generalizada pela instituição das “filas” deve ser iniciada, como uma cooperação para o esforço de guerra nacional, pelas companhias de transportes, pelas empresas de cinema, pelas repartições públicas, por todos os serviços que acarretam aglomeração de povo.²⁵

Não haverá corso pelo carnaval, segundo resolveu a Delegacia de Trânsito. Nem seria razoável que a população fosse exigir “corso”, numa época em que a luta pelo combustível faz derramar caudais de sangue. Tudo que é possível sacrificar no interesse da causa comum deve ser bem aceito pelo povo. Já não é pouco que se possa ter um Carnaval de guerra, quando muitos países estão transformados em verdadeiras trincheiras de combate.

Outra medida simpática da Delegacia de Transito é a proibição do “escape livre”. Trata-se de coibir um dos maiores abusos consumados aqui contra o sossego público, nos três dias de Carnaval e mais no chamado “sábado gordo”. Por simples desfastio, e às mais das vezes por verdadeira maldade, condutores de automóveis e motocicletas se compraziam em repetidas descargas pelas ruas, sem levar em conta o bem estar da população.

É de esperar que tão salutar providência não seja apenas em caráter provisório, devido à guerra; mas se mantenha todos os anos como uma reação ao abuso dos ruídos excessivos. São hábitos nocivos esses, que devem ser extirpados de uma vez, contribuindo-se, assim, para melhorar o nível de educação e de civilidade de nossa gente.²⁶

O que se vê em ambas as matérias é a crítica a comportamentos habituais da cidade e o apelo para que mudanças fossem feitas em nome da *civilidade*. A cidade havia mudado, *progredido*, e os hábitos dos cidadãos deveriam acompanhar essa idéia de progresso. A segunda matéria traz uma crítica mais impactante por tratar-se não de um costume cotidiano, mas sim de atitudes comuns da mais tradicional festividade local. O “corso” (desfile de carros) e o escape livre já faziam parte dos carnavais recifenses, sendo um dos momentos mais aguardados pelos foliões. No entanto, faz notar o autor, esses eram hábitos que não condiziam mais com os novos tempos e não

apenas devido à guerra, mas em nome do “nível de educação e civilidade de nossa gente”.

Esse desejo de civilidade e adequação aos novos tempos se fazia presente ainda no enaltecimento do urbanismo e seus avanços pela cidade.

Está o bairro da Madalena – um velho bairro grande burguês – necessitando certos melhoramentos essenciais, que completem o serviço de urbanismo, que ali vêm sendo feito nestes últimos anos. E um desses melhoramentos é a reconstrução do cais, ao longo das duas margens do rio, na direção do Quartel do Derby.

Se a prefeitura pudesse realizar um plano de melhoramento, abrangendo uma área maior, era o caso de olhar também para o outro lado do rio, na direção do Hospital Português. É esse um dos trechos mais belos do Recife, e de há muito relegado a um certo esquecimento. Pode-se dizer que, depois do conde da Boa Vista, bem poucos cais fluviais foram construídos na cidade.²⁷

A matéria alerta para a *necessidade* de se fazerem melhoramentos no antigo bairro da Madalena, pois, apesar das intervenções recentes, ele ainda não se adéqua aos novos tempos e às novas exigências propaladas pela modernidade (“que completem o serviço de urbanismo, que ali vêm sendo feitos nesses últimos anos”).

Todos esses desejos e realizações de transformações da cidade – enquanto espaço e moradia dos homens, portanto, incluídos aí as sensibilidades e o cotidiano – iam deixando marcas mais profundas naqueles mais saudosistas e entusiastas do passado, que não deixam de registrar sua perplexidade.

Pouco a pouco, entre as profundas e ostensivas transformações por que o Recife transita na sua fisionomia e em seus costumes, certas ruas da Boa Vista, há 40 anos de todo familiares, tornaram-se, sem disfarce, comerciais.

O fenômeno não será peculiar àquele bairro, sabe-se. Haja vista, em Santo Antônio, a rua das Flores, da Palma e a Camboa do Carmo, que, se já oferecia, no início desta centúria, algumas lojas, ainda nela preponderavam as casas de residência. Se a crônica destaca no seu reparo a Boa Vista é por ter tido esta parte continental da cidade um caráter tão acentuadamente familiar que, aos olhos de seus contemporâneos, nessa época, contrasta, chocante e imprevista, a invasão de balcões, caixeiros e mostruários em cenário tão diferente por volta de 1900.

Ruas como Hospício, Conceição, Intendência, Matriz, Aurora, Aragão, Formosa, povoadas, hoje, de lojas em prédios de fachadas novas ou em improvisações das antigas salas de visita e alcovas, parecem-nos, quando no seu passado refletimos, uma “profanação”,... quem as conheceu abrigando famílias, naquele discreto viver, naquela severa intimidade de outrora, escandaliza-se ao vê-la agora no franco acesso de livrarias, de laboratórios, de movelarias, de consultórios, de cabeleireiros, e até de casas fúnebres... Sem dúvida nossos antepassados estão experimentando estranheza semelhante ao assistir às mudanças processadas nas ruas da Imperatriz, do Queimado, do Imperador, também, no século XVIII e parte do XIX, ostentando residências, como provam velhas estampas. Eles, todavia, nunca poderiam ter pensado em “boticas”, consoante chamavam as casas comerciais, na Soledade, na Capunga, no Largo da Paz, no Arraial, na Encruzilhada, então simples sítios de “passar a festa”.(...)

O crescimento da cidade impelindo habitantes para distantes subúrbios, com outros moldes de casas e de hábitos, a proliferação de cinemas e campos de jogos, os contatos nos clubes de danças, as exigências de trabalho, o convívio mundano, tudo serviu para golpear esses quadros de meio século atrás, sobre requerer maior “espaço vital”, para as lides de comércio. Não se palestra mais em calçadas. Nem delas precisam mais os coiós. São práticas obsoletas.

*Hoje, quando escurece, e não se faculta pela hora e pela lei, a procura de uma poltrona de vime, a visita a um “sebo”, um exame de sangue ou de urina, a compra de tecido, a extração de um dente, ou a escolha alfabética de uma vitamina, as velhas ruas da Boa Vista entristecem, silenciam. E se alguma voz se alteia, é a de um cantor de rádio a se exhibir num caótico pedaço de **música norte-americana**...*

Ruas de portas tão fechadas, dantes! Hoje, ficando de portas tão abertas.²⁸

O articulista, Mario Sette, foi um jornalista famoso por sua defesa intransigente das tradições do Recife, demonstra como mudava não apenas a fisionomia da cidade, com “prédios de fachadas novas”, mas também os costumes da cidade. Não havia mais o hábito de se “espiar” os transeuntes nas janelas escancaradas. As lojas haviam tomado o espaço das residências na área central da cidade e levado os moradores a áreas mais afastadas, processo comum da modernidade que surgia. Os hábitos coletivos passavam a minguar diante da vida mais individualizada, tão louvada pelo ideal americanista. Merece destaque, também, o registro dos novos hábitos de ouvir: o rádio ganha popularidade ali, no lugar da voz do “cantor das multidões”, como era chamado o mais popular cantor do momento, Orlando Silva, ouve-se “um caótico pedaço de música norte-americana”.

Diante dessas informações, podemos ver, que, de fato, o paradigma estadunidense fincou raízes na cidade do Recife no período em questão. Paradigma este que se fazia nos padrões de consumo, de idéias, de comportamento e de atitudes cotidianas.

(...)

Quem fala em U.S.A., fala em homens de várias procedências étnicas e também de diferentes religiões. Mas todos juntos têm esse mesmo sentido humano da vida. A vida foi feita para ser vivida e não para ser devorada. Na noite de inauguração do USO, da rua do sol, tivemos uma amostra do que é o espírito americano.

Não digo que o americano seja o modelo, o paradigma, o neo plus ultra, em tudo. Mas, apurados os prós e os contras, consegue-se uma boa média, que nos pode servir de exemplo. Vi no USO, um povo jovem, esportivo, encarando com o mesmo humor as coisas mais sérias e graves. Desde a mais alta patente até ao mais baixo posto, todos têm em comum essa alegria agradável, que os aproxima e os irmana.

Aprendamos com esses “boys” a boa alegria da vida; e não nos ponhamos melancólicos em face do mundo, mesmo diante.²⁹

O autor já diz tudo: o “espírito americano” é um exemplo a ser seguido. Se os estadunidenses não são modelos de paradigma em tudo, ao menos eles sabem viver, e o seu estilo de vida, repleto de alegria e humor, deve ser seguido pelos recifenses... E já estava sendo. Muitos aspectos do *american way of life* iam se tornando comuns no dia-a-dia do Recife.

(...) Nos cinemas, nos hotéis, nos bares o ambiente é francamente internacionalizado. Até certos cafés já têm o letreiro em inglês. (...)

É mais fácil encontrar nas livrarias um número do “Life” ou do “Time” que de qualquer outra publicação.

Isso está ocorrendo para melhorar o nível cultural do povo. Também se observa um grande interesse pelas profissões práticas; e os bons estenógrafos, datilógrafos e correspondentes estão sendo disputados com os melhores salários.³⁰

O ambiente internacionalizado, com o uso corriqueiro do inglês, incorporava-se à cidade. É verdade que a presença dos soldados estrangeiros durante a guerra contribuiu decisivamente para tal, sendo a porta de entrada para os novos destinos. No entanto, o que contribuiu para a assimilação e a consolidação desses aspectos enquanto desejo de

constituir-se de forma similar – enquanto fontes possíveis de constituição de subjetividades – foi o trabalho de construção discursiva levado a cabo pela propaganda elaborada pelo OCIAA e seus aliados. É com esse esforço que os periódicos estadunidenses passam a ser mais distribuídos (e, possivelmente, lidos) que quaisquer outros (“é mais fácil encontrar as livrarias um número da *Life*, da *Fortune* e do *Time* que de qualquer outra publicação”) e é também ele que faz crer que isso vem para o benefício de todos na cidade (“Isso está ocorrendo para melhorar o nível cultural do povo”): a cultura daquele país estrangeiro possuía algo a ser dito, algo que precisava ser conhecido e assimilado por todos.

Essas transformações, todavia, eram sentidas e dialogadas com muitas permanências, não sendo uma aculturação ou uma imposição cultural. Tal fato foi percebido pela sensibilidade intelectual. O conto abaixo apresenta as mudanças que se processavam sutilmente no cotidiano da cidade, gerando certa perplexidade, mas sem deixar de lado alguns antigos hábitos já arraigados.

Sai para matar o tédio e olhar a noite.

A rua está deserta e o luar continua pálido e sereno. Não sei porque (sic) chamaram neblina essa poeira cor de cinza, que envolve a noite e perturba a lua.

A ponte vazia é um caixão de defunto anônimo boiando sobre o rio. A natureza lhe acendeu os (ilegível) da iluminação pública.

Ouçó “blues” no “grill-room” do hotel e “swings” nervosas no “cabaret”. Penso na velha frase francesa, tão minha conhecida: “entre les deux, mon couer balance”.

Um marinheiro bêbado destila a sua dor numa canção desafinada.

Tanto tempo que ando e até agora ninguém me deu boa noite. Preciso vestir a máscara dos cínicos para ser conhecido e popular...

Dizem que a cidade é bonita, mas sem vida. Antes assim. Pra quê alimentar uma serpente?

Um cartaz infame anuncia a estréia de um cantor. Se hei de estar tomando banho de luar e aspirando garoa, vou ouvi-lo no “bas-fond”.

Há muita gente pior e mais feliz que eu nas mesas que circulam a pista do cassino: jogadores, malandros, ébrios e até... pra quê dizer? Deixa que eles vivam.

Que mentiroso esse mulato seresteiro! “Trinta minutos de felicidade” é a sua primeira canção. Eu nunca vi ninguém feliz.

- *Passem bem senhores! A rua deserta está melhor e tolerável. A Natureza, caprichosa e inteligente, é mais positiva e sincera.*

Vou andando estupidamente, como os postes fincados na calçada. Apagam-se as luzes. A cidade vai dormir depois da farra alheia. A orgia escureceu o “abajour” das consciências. Será que vou ficar sozinho pelas ruas escuras? Parece que não. Vem um vulto por ali. Pára junto a mim e pergunta:

- *O senhor tem fósforos?*

Risco e ascendo o seu cigarro. É uma mulher que sobrou do banquete esta noite. Olhou-me com tristeza e viu-me nos olhos uma desgraça maior que a sua. Mas não compreendeu. Foi-se embora e nem sequer deixou-me seu nome. Toda vez que quiser recordá-la chamá-la-ei – D. VIDA.

(...)

Sinto os olhos cansados de tanta paisagem morta. Mas não adianta dormir. Amanhã será a mesma coisa. A vida se repete e o mundo será o mesmo.

Assim...

- *Garçom, Média e pão ao forno.*

Um gazeteiro passa gritando:

- *Diário, Comércio, Folha!...³¹*

Nota-se claramente a presença da perplexidade e do vazio que a personagem sente na cidade. O sujeito parece estar perdido diante da indiferença, da solidão que a modernidade inaugura. E as sutis mudanças do cotidiano são explícitas: os novos espaços, as novas músicas são confrontadas com uma frase em francês: “Ouço *blues* no *grill-room* do hotel e *swings* nervosas no *cabaret*. Penso na velha frase francesa, tão minha conhecida: ‘*entre les deux, mon couer balance*’”. O sentimento era de se estar em um *não-lugar*, de se ser um estrangeiro em sua própria cidade, diante da confusão do embate: mudança/repetição (“sinto os olhos cansados de tanta paisagem morta” / “A vida se repete e o mundo será o mesmo”). Apesar das mudanças, ainda estão presentes aspectos de identificação com o passado e o dia começa sempre da mesma forma: pão no forno e jornal.

Tal como no cotidiano, as mais famosas e tradicionais festividades recifenses também registravam os avanços dos tempos modernos. A guerra iria trazer algumas mudanças ao Carnaval, que acabaria por assimilar novas formas. O corso e o escape livre, como já dito, foram banidos da festividade em 1943, com o pretexto dos

racionamentos advindos do momento de exceção. Entretanto, no ano anterior, já havia críticas a essas manifestações.

O Carnaval está se tornando mais uma festa para os salões. Assim o maior brilho dos folguedos esteve nos grandes bailes. Nas ruas, desapareceram os combates de confetti, serpentinas, gettoni e lança-perfumes, se bem que os clubes tradicionais e blocos continuem se exibindo com o seu caráter habitual.

(...)

O que está sendo estatante e monótono é o curso. Antigamente, com os automóveis abertos, ainda se explicava. Mas hoje, que o automóvel aberto é uma raridade, quase não se justifica mais.

A cidade está cheia de tudo quanto é carro velho e isso é pouco interessante. O curso apenas concorre para que o carnaval seja mais barulhento.³²

O jornalista informa que o curso começa a perder a graça e não mais fazer sentido. Da mesma forma, deixa registrado o desaparecimento das brincadeiras com confetti, serpentinas e outros elementos tão caracteristicamente carnavalescos. A cidade havia mudado, possuía agora um novo caráter e o mesmo deveria acontecer às manifestações tradicionais do carnaval. A modernidade avançava e modificava aspectos da tradição não mais condizentes com seus percursos. Contudo, ainda muitos aspectos ainda resistiam, adequando-se às novas exigências. Na mesma matéria, o autor comenta o que lhe parece ser uma tendência: os carnavais internos, nos salões, estão ganhando força. Ora, o carnaval pernambucano era (e continua sendo) famoso por suas festividades de rua, aberto, com a participação de todos. Transformá-lo em um carnaval fechado seria uma mudança e tanto.

O que a matéria anterior parece registrar como uma tendência, no entanto, não passou de um evento ocasional e muitos poderiam ser os motivos, que não cabem ser indagados aqui. O que deve ser notado é que, na mesma fala, o jornalista afirma que os blocos continuam com “seu caráter habitual”. E assim seriam nos anos seguintes.

O povo saiu anteontem à rua para o primeiro grande ensaio do “Vassourinhas”, do Carnaval deste ano. Saiu, sem se importar com a guerra e com a vida cara.

O povo sabe que a guerra amanhã nos poderá impor maior sacrifício de sangue, se for necessário, para a Vitória da causa comum. Não importa. Se for preciso ir à África, irá à África. Mas enquanto não vai à África, sai à rua e diverte-se.

O “Vassourinhas” é toda a tradição do Carnaval de rua do Recife. Imagino o que tenha pensado de tudo aquilo o marujo americano, que vem aqui à calçada, toda a tarde, bebericar sua cerveja: que o povo saiu a rua para festejar a tomada de Tripoli ou o arrasamento dos alemães em Stalingrado.

Mas não foi por isso que se fez o “passo” em frente ao DIÁRIO, arrastando-se uma multidão enorme, com clarins, lanternas, estandartes, balisas, diretoria toda enfarpelada e música atrás, “rasgando” os “frevos”. Nada disso. O povo do Recife é um povo anacreôntico. E se a vida é passageira, aproveita a hora do prazer fugaz que se esvoaça.³³

Apesar das mudanças requeridas pelos novos tempos e das críticas de alguns sobre a realização do carnaval em época de guerra, quando muitos estavam morrendo nos campos de batalha europeus, o carnaval de rua do Recife permanecia e arrastava os foliões para pular nos tradicionais blocos da cidade. Os efeitos discursivos do moderno possuíam seus limites de penetração e apropriação.

A tradição resiste, permanece, se adapta, se reorganiza, se reinventa, diante das novas exigências da modernidade. Vimos até aqui, como isso se fez a partir dos avanços da modernidade e seus novos paradigmas. Por ser um processo dialógico, no entanto, podemos revirá-lo e ver, na (re)invenção da tradição, como o novo ideal de moderno se instituiu.

Seria interessante que no próximo dia 14 – consagrado ao ideal da amizade dos povos do continente – todos os colégios e escolas do Recife, celebrassem esse espírito americanista, que hoje nos anima, mais do que nunca, na luta contra o nazismo. No mais, o Recife sempre foi uma cidade americanista.

No começo do século, Cabugá procurava articular-se com os americanos, para ajudar-nos a proclamar a independência e a República. Um poeta pernambucano, Natividade Saldanha, morreu na Venezuela, imolado pelo ideal republicano. Outro pernambucano, Abreu e Lima, bateu-se pela liberdade dos povos hispano-americanos. Fomos assim precursores da amizade e da boa vizinhança entre os povos deste continente.

Agora, estamos todos unidos para um mesmo fim, e pode-se dizer que, a despeito de certas hesitações e se observam em um e outro país, não se conhecem na massa da opinião duas maneiras de

considerar esta guerra. Todos contêm o dever que nos assiste de ajudar a causa das nações unidas.

Precisamos formar na mocidade uma sólida mentalidade americanista, não somente para que os povos do continente continuem unidos nesta hora, mas sobretudo no futuro, quando se impõe desenvolver, por todos os meios, uma larga e generosa política de interpenetração cultural e econômica.

O 14 de abril próximo deve ser um dia de intensa vibração patriótica entra a mocidade que (ilegível) da liberdade.³⁴

O passado histórico do Recife é revirado e reinventado a partir de uma visão presente; o que o autor busca é ver uma tradição americanista na cidade através da ressignificação do passado. O desejo do moderno no autor o levou a reinventar esse passado, criar uma tradição, que justificasse a escolha atual pelo americanismo, vendo este como já existente na cidade, como sendo um “destino histórico”.

O DESTINO HISTÓRICO DO RECIFE

O Recife revive nesta hora o seu destino histórico. No século XVI tivemos de enfrentar os piratas. No século XVII lutamos conta os holandeses e os alemães que os comandavam. No século XVIII encabeçamos as primeiras lutas pela independência e pela República. No século XIX, ainda nos abatemos por esses mesmos ideais, que nos custaram o sangue generoso dos patriotas; e mais pela abolição da escravatura. Hoje, somos a fronteira estratégica da pátria, o ponto visado pelo inimigo.

Num momento como este, em que de uma hora pra outra o Brasil pode ser envolvido na guerra, a cidade do Recife deve estar preparada para decisões supremas. Os reservistas recifenses, que podem a cada instante ser convocados para completar os efetivos de suas unidades, precisam estar alertas ao primeiro toque de reunir.

Si o inimigo atacar o Brasil será pelo nordeste. O dever dos nordestinos é acorrer, imediatamente, às fileiras para a defesa da pátria. Durante toda a história do Brasil, o papel do Recife avulta em primeiro plano. É uma tradição de nossa gente não hesitar diante de todos os sacrifícios e de todos os (ilegível) para o bem (ilegível).³⁵

Tal como o *destino manifesto* estadunidense, o autor vê no Recife um destino de lutas pelas causas da liberdade e da República, ideais do americanismo. Fato interessante deve ser notado no anacronismo em que o autor coloca os alemães, então os “inimigos da liberdade”, como os comandantes dos holandeses na ocupação do Brasil. Ora, sequer existia Alemanha no Século XVII e os holandeses eram senhores de si em

suas investidas coloniais. O que há é uma busca de ligar os inimigos atuais ao do passado, assim como se procura construir uma tradição americanista de luta pela República em nome da pátria no Recife.

Concluindo, portanto, vemos que a construção discursiva do americanismo, que instituiu o *american way of life* como paradigma de modernidade no Recife, ou seja, um exemplo a ser seguido em termos de comportamento, sociabilidades, consumo, saberes, fazer artístico, etc., não perpassa apenas pelo complexo propagandístico estadunidense, ele também é feito pelos próprios recifenses, que recebem e repassam, através de novos arranjos, os enunciados assimilados. O moderno transforma-se, ganha outros arranjos enunciativos e, funda-se, então, como um novo discurso no Recife dos anos 40.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CALVINO, Ítalo. Cidades Invisíveis. 3. impres. São Paulo: Cia das Letras, 1991.
- LUSTOSA, Isabel. A descoberta da América: o lugar dos EUA no Modernismo brasileiro. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1995.
- MOURA, Gérson. O aliado fiel. A natureza do alinhamento brasileiro aos Estados Unidos durante e após a Segunda Guerra Mundial, no contexto das relações internacionais, 1984. (não publicada).
- PARAÍSO, Rostand. O Recife e a 2ª Guerra. Recife: Ed. Comunicarte, 1995.
- REZENDE, Antônio Paulo. (Dês)Encantos Modernos. Histórias da cidade do Recife na década de vinte. Recife: Fundarpe, 1997.
- TEIXEIRA, Flávio Weinstein. Modernidade, modernização. Relações sociais, cultura e sociabilidades no Recife dos anos 1950. Clio. Revista de Pesquisa Histórica. n. 21, 2003.

Periódicos Consultados:

- Diário de Pernambuco – Coleção FUNDAJ – 1940 a 1945
- Presente de Natal – Coleção Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco - 1939 a 1950

¹ REZENDE, Antônio Paulo. (Dês)Encantos Modernos. Histórias da cidade do Recife na década de vinte. Recife: Fundarpe, 1997.

² CALVINO, Ítalo. *Cidades Invisíveis*. 3. impres. São Paulo: Cia das Letras, 1991, p 17.

³ *Presente de Natal*, 1944

⁴ LUSTOSA, Isabel. *A descoberta da América: o lugar dos EUA no Modernismo brasileiro*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1995.

⁵ *Diário de Pernambuco*, 08/04/1942.

⁶ *Diário de Pernambuco*, 10/04/1942.

⁷ *Diário de Pernambuco*, 24/07/1943.

⁸ *Presente de Natal*, 1943

⁹ TEIXEIRA, Flávio Weinstein. Modernidade, modernização. Relações sociais, cultura e sociabilidades no Recife dos anos 1950. *Clio. Revista de Pesquisa Histórica*. n. 21, 2003.

¹⁰ *Diário de Pernambuco*, 04/08/1943.

¹¹ *Presente de Natal*, 1940.

¹² *Diário de Pernambuco*, 10/07/1943.

¹³ *Diário de Pernambuco*, 10/07/1943.

¹⁴ MOURA, Gérson. *O aliado fiel. A natureza do alinhamento brasileiro aos Estados Unidos durante e após a Segunda Guerra Mundial, no contexto das relações internacionais*, 1984. (não publicada).

¹⁵ PARAÍSO, Rostand. *O Recife e a 2ª Guerra*. Recife: Ed. Comunicarte, 1995, p 67.

¹⁶ *Diário de Pernambuco*, 26/02/1943.

¹⁷ *Diário de Pernambuco*, 26/02/1943.

¹⁸ *Diário de Pernambuco*, 03/03/1943.

¹⁹ *Diário de Pernambuco*, 28/03/1943.

²⁰ *Presente de Natal*, 1946.

²¹ *Presente de Natal*, 1943.

²² *Diário de Pernambuco*, 31/10/1943.

²³ *Diário de Pernambuco*, 02/11/1943.

²⁴ *Diário de Pernambuco*, 24/12/1943.

²⁵ *Diário de Pernambuco*, 22/07/1943

²⁶ *Diário de Pernambuco*, 03/03/1943

²⁷ *Diário de Pernambuco*, 30/01/1943.

²⁸ *Presente de Natal*, 1946.

²⁹ *Diário de Pernambuco*, 02/11/1943.

³⁰ *Diário de Pernambuco*, 04/08/1943.

³¹ *Presente de Natal*, 1946.

³² *Diário de Pernambuco*, 18/02/1942.

³³ *Diário de Pernambuco*, 31/01/1943.

³⁴ *Diário de Pernambuco*, 11/04/1943.

³⁵ *Diário de Pernambuco*, 20/05/1942.